

O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito

Bakhtin's concept of ethical act and the agent's moral responsibility
El concepto de acto ético de Bajtín y la responsabilidad moral del sujeto

Adail Sobral*

RESUMO: Este artigo apresenta considerações acerca da maneira como o pensador russo M. Bakhtin, em sua concepção do ato ético, ou ato “responsável”, propõe e defende a centralidade do agente em sua relação ética com outros agentes, no contexto concreto da ação, como o cerne do agir humano. Com esse objetivo, percorre brevemente a obra conhecida como *Para uma filosofia do ato* depois de situá-la em seu contexto histórico de surgimento, vital para a sua devida compreensão. Trata-se de uma tentativa de trazer ao campo da Bioética, nesta época de medicina tecno-científica, uma reflexão vinda da tradição eslava de pensamento em defesa de uma ética da responsabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade moral. Ética. Bakhtin.

ABSTRACT: This paper discusses the way the Russian thinker M. Bakhtin, in his conception of the ethical, or “responsible”, act, proposes and argues for the centrality of the agent in her ethical relationship with other agents in the concrete context of action as the kernel of human agency. With this aim in view, the paper briefly examines Bakhtin's work known as *Towards a Philosophy of the Act*, after presenting it from the perspective of his historical context of emergence, crucial for adequately understanding it. We try to bring to the field of Bioethics, in our time of techno-scientific medicine, a reflection coming from the Slavic thought tradition in defense of an ethics of responsibility.

KEYWORDS: Moral responsibility. Ethics. Bakhtin.

RESUMEN: Este artículo presenta una discusión de la manera como el pensador ruso M. Bajtín, en su concepción del acto ético, o “responsable”, propone e defiende la centralidad del agente en su relación ética con otros agentes en el contexto concreto de la acción, comprendida como el atributo principal de la acción humana en general. Con esta meta, examina concisamente la obra de Bajtín conocida como *Hacia una filosofía del acto*, tras presentarla de la perspectiva de su contexto histórico, que es vital para su debida comprensión. Intentamos presentar al campo de la Bioética, en nuestro tiempo de medicina tecno-científica, una reflexión venida de la tradición eslava de pensamiento centrada en al defensa de una ética de la responsabilidad.

PALABRAS LLAVE: Responsabilidad moral. Ética. Bajtín.

INTRODUÇÃO

Todas as pesquisas que envolvem o estudo de atos envolvem dois planos, a saber, o dos atos concretos, ir-repetíveis, praticados por sujeitos concretamente definidos, e o dos atos enquanto atividade, ou seja, daquilo que há de comum, e portanto repetível, entre os vários atos. Poder-se-ia falar nesse sentido, nos termos de Bakhtin, de ato-tipo e ato-ocorrência. Assim, toda generalização a partir de atos singulares traz um duplo problema: como não apagar a especificidade de cada ato específico e como não se perder nessa especificidade e, assim, deixar de apreender o que há de comum entre os vários atos. Porque atos absolutamente singulares exigiriam agentes absolu-

tamente únicos e dessemelhantes, bem como situações de ação absolutamente irrepitíveis, o que impediria toda e qualquer generalização, ao mesmo tempo em que uma generalização que apague o que há de singular nos atos requereria agentes absolutamente iguais entre si, bem como uma única situação de ação, ou seja, uma negação da condição humana¹.

A bioética é uma disciplina de cunho filosófico amplo, vinculada com as ciências da vida e a assistência à saúde em que a relação entre a singularidade e a generalidade é particularmente dramática. Isso ocorre porque todo bioeticista tem sempre diante de si, de um lado, sujeitos e processos singulares, vinculados com situações específicas de decisão em que a qualidade de vida – e a

*Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Professor-Adjunto concursado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas-RS.

própria vida — dos sujeitos estão implicadas, e, do outro, concepções gerais sobre a vida, o sujeito, a qualidade de vida etc. social e historicamente situadas, o que implica, naturalmente, concepções científicas e concepções religiosas e o próprio “espírito de época” – o que torna altamente complexa a reflexão nesse âmbito. Toda decisão bioética deve assim levar em conta, necessariamente, três planos: (a) o das concepções gerais de vida, ética, moral, direito etc., (b) o das mediações institucionais, científicas, religiosas e outras que “filtram” essas concepções gerais; e (c) o das situações concretas dos sujeitos objeto de decisões bioéticas, que, em sua especificidade, se são afetados pelos dois outros planos, acabam por incidir sobre estes, e em alguns casos levam, por assim dizer, ao surgimento de novas “jurisprudências”. Em consequência, toda reflexão filosófica que incida sobre a relação entre o geral e o particular pode dar uma contribuição para a atividade do bioeticista. O objetivo desse artigo é pensar, à luz da atividade bioética, os principais aspectos da *teoria do ato* do pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), de cuja obra abordamos alguns aspectos em artigos publicados em *Bakhtin – Conceitos-chave*².

A questão do relacionamento entre o geral e o particular no âmbito da vida humana concreta, abordada por tantos filósofos, constitui o principal foco das teorias de Bakhtin, que se centram no agir concreto dos sujeitos³. Recusando certa recepção “socializante” de suas teorias, o Círculo de Bakhtin destaca essencialmente a individualidade, entendida em fidelidade às propostas de Marx como a soma das relações sociais da vida do sujeito, e não como entidade submissa ao social nem subjetivista e autarquicamente autônoma com relação a ele (o cogito cartesiano e derivados): tornamo-nos “eus” a partir de outros eus, mas não somos cópias desses outros eus.

Trata-se de um monismo (próximo do de Espinosa e de Vygotsky) que vê o sujeito no âmbito de uma estrutura arquitetônica de formação e alteração constante de sua identidade na qual os diferentes elementos que constituem sua fluida e situada identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, em permanente negociação de formas de composição, em vez de unidos mecanicamente ou dados de uma vez por todas. Essa contribuição do Círculo tem na formulação da teoria do ato um de seus pontos altos. No ato segundo Bakhtin, os princípios morais gerais (tal como teorizados por Kant, por exemplo) adquirem um sentido contextual

específico centrado nos sujeitos concretos aí envolvidos, sem prejuízo dos princípios morais, mas sem estar subsumidos à sua universalidade – e nisso reside a nosso ver a contribuição de Bakhtin para a reflexão ético-responsável da Bioética.

O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL: MEDIAÇÃO E HISTORICIDADE

Para Bakhtin³, o sensível (o mundo dado) e o inteligível (a apreensão do mundo) estão necessariamente integrados: a apreensão do mundo envolve a unidade dos atos humanos, ou seja, a junção entre, de um lado, o processo de realização concreta dos atos – em seu aqui e agora no mundo dado – e, do outro, a organização do conteúdo dos atos mediante categorias. Esta última só faz sentido à luz da realização concreta, mas em contrapartida constitui o plano de apreensão do resultado do ato, que é o material por meio do qual reconstituímos o processo. Esse resultado não se restringe ao conteúdo do ato, porque se o fizesse não veria a especificidade de cada ato, e envolve em vez disso também a forma, ou o modo de organização desse conteúdo, unidos no processo do ato, que os dota de sentido a partir da avaliação do ato por seus “autores” e “interlocutores”.

Assim, cada apreensão do mundo por um ser humano é concebida como um ato, um processo, de cunho irrepetível quanto à sua composição ou realização, mas que gera um produto segundo formas repetíveis, embora sempre mutáveis, sem prejuízo de seu projeto arquitetônico de realização (de onde vem a especificidade de cada ato ao unir produto e processo em termos da avaliação do agente). Essa repetibilidade é o que permite generalizações no estudo dos atos concebidos como uni-ocorrentes, ou seja, como não repetíveis. Logo, é a junção entre esses dois planos constitutivamente necessários – o de cada ato como algo ímpar e o de todos os atos como membros da classe dos atos – que gera a unidade de sentido da apreensão do mundo, evitando a dissociação entre conteúdo (produto) e forma (processo).

Para uma filosofia do ato, um dos primeiros textos de Bakhtin³, busca mostrar os malefícios da dissociação entre cultura e vida, entre mundo sensível e mundo inteligível, entre conteúdo e processo, em que incorrem tantas filosofias. Essa dissociação cinde o agir concreto dos sujeitos da reflexão teórica sobre o agir dos sujeitos, “o conteúdo

ou sentido dos atos e a concretude histórica do ser desse ato, a experiência atual e uni-ocorrente dele”³, o que leva Bakhtin a buscar integrar o sensível do mundo da vida (o vir-a-ser concreto do ato, a vivência *per se*) e o inteligível da elaboração secundária da percepção (o conteúdo ou sentido do ato, apreensível teoricamente mediante categorias). Para o pensador russo, todo ato tem, integrados, conteúdo e forma, elaboração teórica e materialidade concreta, ser-no-mundo e categorização do mundo. A ênfase é sempre a situação concreta em que ocorrem os atos, com a conseqüente recusa da dissociação entre conteúdo e processo. Pode-se naturalmente considerar apenas o conteúdo, ou apenas o processo, mas não propor um ou o outro como a totalidade do ato, porque isso é desconsiderar que o conteúdo abstrato do ato, o que há de comum a todos os atos, se organiza, assume uma forma, a partir de seu processo, do agir do sujeito numa situação histórica e social.

Por conseguinte, o inteligível, plano das categorias, não se sobrepõe ao sensível, plano da percepção das impressões totais, dado que a intuição sensível da multiplicidade e a redução inteligível à unidade não têm sentido em isolamento, só o adquirindo em sua condição de instâncias que, se se separam por razões teóricas, nem por isso deixam de estar entrelaçadas para constituir o fenômeno como um todo. Aproximando-se da redução fenomenológica de Husserl e de Merleau-Ponty (na ênfase na corporalidade), o Círculo sempre propõe e realiza um retorno às “coisas mesmas”, ao mundo vivido, o *Lebenswelt*, percebido contextual e situacionalmente, e não como uma abstração essencialista. É esse o contexto em que Bakhtin entende o sujeito e sua responsabilidade ética irreduzível.

O SUJEITO COMO CATEGORIA CONSTITUTIVAMENTE RELACIONAL E A APREENSÃO SITUADA DO MUNDO

A ênfase na tensão relacional como sede de geração do sentido leva a recusar um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, e a propor um sujeito que, sendo um *eu para-si*, condição de formação da identidade subjetiva, é também um *eu-para-o-outro*, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo que lhe dá sentido: só me torno eu entre outros eus. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo define esse outro, é, por assim dizer,

o “outro” do outro: trata-se do inacabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas: os seres só se completam na relação com outros seres, porque nenhum ser pode ver em si mesmo todos os aspectos que o constituem, cabendo essa tarefa aos outros.

A noção de sujeito, que sempre remete ao agir, a um agente, implica pensar o contexto da ação, que envolve tanto o princípio dialógico (que segue a direção do interdiscurso, da inter-ação, constitutivos do discurso, dos atos), como os elementos sociohistóricos que formam o contexto mais amplo, sempre interativo (na direção da polifonia, isto é, da presença de vários pontos de vista nos atos e discursos humanos). O Círculo não considera os sujeitos apenas seres biológicos, nem apenas seres empíricos, ou apenas sociais, mas sempre leva em conta sua complexidade na concretude das situações em que ocorre a apreensão inteligível do seu ser sensível, não alguma pretensa “realidade” *tout court*, visto que o mundo humano é um mundo construído, e não só dado naturalmente.

Nas obras do Círculo, o dialogismo não é uma questão estritamente discursiva; seus aspectos discursivos são derivados de sua definição filosófica como princípio geral do agir – só se age em relação de contraste com relação a outros atos; o vir-a-ser está fundado na diferença. Vem depois o dialogismo como princípio da produção de enunciados/discursos, que advêm de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos: reagimos ao que foi dito/feito e “antecipamos” o que poderá vir a se dito/feito e, mais restritamente, o diálogo como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica (isto é, que busca fechar a questão ao dar um único sentido ao que é dito/feito), embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico: estamos “condenados” eticamente a levar o outro em conta, exceto na linguagem da violência.

O elemento primordial do tratamento do sujeito pelo Círculo é a recusa de concepções transcendentais (como certas teses de Kant, por exemplo, para as quais haveria categorias de apreensão do mundo, independentes da vida concreta, a que os sujeitos se submeteriam), ou psicologizantes, como as das teorias filosóficas e outras, do sujeito cartesiano autárquico ou e similares, da criatividade individual extra-social e extra-histórica. O Círculo não aceita que as categorias de percepção e/ou de pensamento possam existir fora da situação concreta dos sujeitos perci-

pientes e/ou pensantes ou que existam em sua consciência entendida como instância a-social e a-histórica.

No caso do imperativo categórico, por exemplo, Bakhtin destaca que o sujeito que toma decisões morais o faz em sua vida concreta, em vez de aceitar a proposição de que o conteúdo dessa decisão que exista independentemente do processo concreto dessa decisão e do caráter situado do sujeito. Isso no entanto não nega os elementos repetíveis, constantes, da estrutura processual dos atos humanos, base da possibilidade de generalização a partir do específico, que é um dos pontos altos de toda a arquitetura bakhtiniana.

Tal como nas teorias de Vygotsky^{4,5}, para Bakhtin a consciência depende da linguagem para formar-se e manifestar-se; e como esta se acha imersa no mundo, a consciência não impõe suas categorias ao mundo; ela precisa desse mundo para se constituir, mas também o “constroi”: as situações vividas chegam à consciência por meio da linguagem, no âmbito do processo de internalização. A constituição da consciência, assim como a construção do mundo por suas, são processos situados, inseridos na sociedade e na história, em vez de ocorrerem em algum plano essencial idealista, pois só se pode ver o mundo, natural ou social, a partir de uma posição, sem com isso negar a existência concreta desse mundo¹.

Logo, o mundo não chega à consciência sem mediação: o sensível é o plano de apreensão “intuitiva” do mundo sem elaboração teórica, sendo o inteligível o plano da elaboração do apreendido; naquele, privilegia-se o processo de percepção e de ação como criador de impressões e neste privilegia-se a transformação dessas impressões em unidade de conteúdo, num conceito. Assim, o sensível é o plano da multiplicidade, da descontinuidade, e o inteligível, o nível da busca da unidade, da continuidade, e são esses dois planos que constituem, em conjunto, a consciência, *a partir do agir dos sujeitos*.

O sujeito não é “fantoche” das relações sociais, mas um agente responsável por seus atos e responsivo ao outro, como alguém dotado de um “excedente de visão”, a capacidade de saber sobre o outro o que este não pode saber. Mas ao tempo depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber sobre si. Só nessa relação entre “eus” pode nascer o sentido da vida humana, que é função dela e ao mesmo tempo serve para dar-lhe forma.

Os estudos do Círculo destacam claramente a importância do sujeito, do eu, sem negar a primazia (mas não

anulação) do agir e do dizer do outro naquilo que o sujeito faz e diz. Por isso, Bakhtin criou o que denominei, uma “filosofia humana do processo”⁵.

UMA FILOSOFIA HUMANA DO PROCESSO

“Entoção avaliativa” é a expressão do Círculo para designar o fato de que sempre se diz algo a alguém a partir de uma dada posição; o Círculo revoluciona com esse conceito as chamadas filosofias do processo (e da vida), ao propor a responsabilidade/responsividade situadas do sujeito, sua valoração/avaliação de seus próprios atos, como o elemento unificador de todo o seu agir. O ato avaliativo “responsável/responsivo” envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a entoção avaliativa como aspecto arquitetônico: o valor do ato é o valor que ele tem para o agente em suas interações, em vez de um valor absoluto que viesse impor-se a ele ou a seus interlocutores.

Assim, a experiência no mundo humano, do mundo postulado (*zadan*) é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido, a partir do mundo dado (*dan*), o mundo enquanto materialidade concreta. A ênfase na interação (que transcende evidentemente os intercâmbios verbais/pragmáticos do dia-a-dia, mas incluindo-os) serve para despir a ação do sujeito de todo e qualquer subjetivismo que se lhe queira imputar.

Bakhtin³ destaca o caráter da responsabilidade e da participatividade do agente. O termo “responsabilidade” une o responder *pelos* próprios atos, o responder *por*, e a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa, sendo fiel à palavra russa *otvetstvennost'*, que designa o aspecto responsivo e o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato. O ato “responsável” envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato.

A avaliação como aspecto arquitetônico do ato e o caráter situado do sujeito levam Bakhtin a transcender as filosofias da ação, pois o valor do ato é o valor que ele tem para o agente, não um valor absoluto que viria impor-se a este último. Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido, a partir do mundo dado, o mundo enquanto materialidade concreta⁶.

A ideia do “vivido” aí presente destaca a presença necessária do agente, o sujeito que vive o ato, e do contexto material em que o ato é vivido. Destaca ainda a concretu-

de do ato, e seu caráter uni-ocorrente, a par de seus aspectos repetíveis, insistindo na interdependência constitutiva entre o *processo* e o *conteúdo* do ato como momentos constituintes que envolvem o agente e as circunstâncias de seu agir, incluindo sua responsabilidade e participatividade, ou não-indiferença.

CONCLUSÃO

Nessa caracterização, cada ato do sujeito é único em seu processo, mesmo compartilhando com todos os outros atos uma dada estrutura de conteúdo. Merece destaque portanto, o papel do sujeito como agente responsável por seus próprios atos, pois é essa sua condição o que une em seu ser complexo o pessoal e o social, o cognitivo e o empírico, o universal e o singular, o biológico e o histórico. Esse monismo é a base da recusa de formulações da consciência como um substrato psíquico extra-histórico e extra-social do cérebro, assim como da teoria marxista vulgar do reflexo como o elemento ativo que se opõe a uma consciência passiva, e das teorias psicologizantes que vêem o mundo como construção da consciência, e não como um dado que ao ser postulado passa a integrar o mundo humano, o mundo do sentido responsável, uma irrupção do “outro” que quebra a continuidade aparente da natureza mas se realize a partir dessa mesma continuidade.

A reflexão bioética pode assim beneficiar-se das formulações do ato/atividade e dessa caracterização do sujeito Bakhtin precisamente porque estas mostram que, no agir do sujeito, integram-se: (a) os aspectos psíquicos de sua identidade relativamente fixada (aquilo que lhe permite perceber em si certa continuidade psíquica), “relativamente” porque a consciência é uma permanência no fluxo; (b) os aspectos sociais e históricos do ser concreto do sujeito, momentos de quebra da continuidade do fluxo do mundo natural, que também são marcados por uma

permanência no fluxo; e (c) a avaliação responsável que ele faz ao agir, com base na identidade que veio a formar e nas coerções de suas relações sociais.

Noutra ordem de considerações, sabe-se que as primeiras estratégias de consolidação, na modernidade, do discurso médico, traziam algo de despersonalizador com relação ao paciente (o que se pode ver no próprio uso do termo “paciente”), em oposição ao caráter de magia do curandeirismo (que envolvia diretamente a pessoa do doente), que a ciência médica então nascente tinha de combater, precisamente em defesa das pessoas atingidas pela enfermidade. Na época, definia-se a doença como um “outro” absoluto irreduzível a ser vencido absoluta e irreduzivelmente em nome da ciência, processo que num dado momento envolveu certa “invisibilidade” do paciente, já que o médico, obstinado em seu “combate” à doença, por vezes via mais este inimigo a combater do que a vítima a curar – malgrado o juramento de Hipócrates. Contudo, ainda não chegara ao ponto de quase anulação da relação médico-paciente apontado por várias obras de Foucault^{7,8,9,10}, e por Clavreul¹¹, o que em alguns casos se agrava em nossa época devido aos princípios seguidos pela medicina tecno-científica. A Bioética, na qualidade não só de *ética da vida*, mas de *ética de vida* para seus praticantes e beneficiários, é uma ética da responsabilidade em defesa da vida digna, um conjunto de princípios para uma *vida ética*, vida responsável, vida digna. Destacam-se nas considerações aqui feitas mais alguns elementos presentes no processo de decisão ética, a vida dos sujeitos. Propostas de uma filosofia em que o sujeito pode ter justificativas, mas nunca um alibi que o isente de sua responsabilidade perante o outro, podem igualmente contribuir para esclarecer outras tantas facetas da relação entre moral e ética, entre princípios universais e situações particulares, entre atos específicos dos sujeitos e parâmetros aplicáveis a todos os sujeitos – alguns dos dilemas de que se ocupa com sucesso a perspectiva bioética.

REFERÊNCIAS

1. Sobral AU. Ato/atividade e evento. In: Brait B. Bakhtin: Conceitos-Chave. 4ª ed. São Paulo: Contexto; 2007a. p. 11-36.
2. Brait B. Bakhtin: Conceitos-Chave. 4ª ed. São Paulo: Contexto; 2007.
3. Bakhtin MM. Toward a Philosophy of the Act. (1920-1924). Trad e notas de Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press; 1993.
4. Vygotsky L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
5. Vygotsky L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes; 1988.

6. Sobral AU. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: Brait B. Bakhtin: Conceitos-Chave. 4ª ed. São Paulo: Contexto; 2007b. p. 123-50.
 7. Foucault M. L'archéologie du savoir. Paris: Gallimard; 1969.
 8. Foucault M. The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language. Trad A. M. Sheridau Smith. New York: Pantheon; 1972a.
 9. Foucault M. Las palabras y las cosas. 4ª ed. Trad Elza Cecilia Frost. Madri: Siglo Veintiuno; 1972b.
 10. Foucault M. L'Ordre du Discours. Paris: Gallimard; 1971.
 11. Clavreul J. A ordem médica – poder e impotência do discurso médico. São Paulo: Brasiliense; 1983.
-

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Bajtín MM (1920-1924). Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos. Trad e notas Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR; 1997.

Laine Tapani. Back to Bakhtin. Comunicação apresentada na XI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE BAKHTIN. Resumo disponível em: <http://www.ufpr.br/bakhtin/texts/LAINE.htm>

Recebido em: 11 de fevereiro de 2009.
Aprovado em: 25 de março de 2009.